

NOTÍCIAS DE GUIMARÃIS

JORNAL DEFENSOR DOS INTERESSES DO CONCELHO

Agência em Lisboa — P. dos Restauradores, 13.º. D. — Telefone 27136.

Redacção e Administração: R. da República, 45-47. Telef. 34. Secção de expediente e arquivos: L. Conselheiro João Franco, 30. Composição e Impressão: Tip. Minerva Vimaranesa

Director, editor e proprietário — ANTONINO DIAS PINTO DE CASTRO

Os Vimaranes Monumenta Histórica

Leio nos jornais esta notícia que me enche de satisfação:

Sociedade Martins Sarmiento

Esta instituição vimaranense está procedendo à organização do 2.º tomo da notável colectânea de documentos históricos referentes a Guimarães e seu termo, intitulada "Vimaranes Monumenta Histórica", obra da mesma índole dos "Portugaliae M. II.", e, portanto, da maior importância para os estudiosos, editada pela Câmara Municipal daquela cidade.

O 1.º volume, que já foi publicado há bastantes anos, sob a direcção do falecido investigador padre João Gomes de Oliveira Guimarães, abade de Tagilde, contém 353 documentos, exarados desde o ano 870 a 1381.

O novo tomo, que é a continuação do plano do abade de Tagilde, e que, em breve, entrará no prelo, abrange os documentos exarados durante a dinastia Joanina.

Para a sua organização a Sociedade Martins Sarmiento, que já possui muitas cópias originais, obteve a erudita colaboração do sr. director do Arquivo Nacional da Torre do Tombo, dr. António Baitão, bem como de outros directores das nossas principais bibliotecas e arquivos públicos, tais como da Biblioteca Nacional de Lisboa, Biblioteca Geral e Arquivo da Universidade de Coimbra, Biblioteca Municipal e Arquivos Distrital e Municipal do Porto, Bibliotecas e Arquivos Distritais de Évora, etc., garantia bastante da seriedade e importância do trabalho em via de realização.

É digno de louvor o esforço da direcção da benemerita instituição vimaranense, inteligentemente patrocinada pela actual comissão administrativa do Município em favor do desenvolvimento da cultura portuguesa.

A notícia, é evidente, foi escrita por quem conhece de outra o 1.º volume dos "Vimaranes Monumenta Histórica", mas não faz mal.

De facto, o número dos Documentos não é o indicado na notícia — por dois motivos: 1.º a numeração romana não corresponde a documentos; não são propriamente documentos, os n.ºs 71 (notícia da "Crónica dos Godos"); 134 (trecho de Herculano); 198 (notícia do "Livro de Linhagens"); 204 (sumário do documento); 206 (notícia da "Monarquia Lusitana"); 209 (notícia da "Benedictina Lusitana"); e da "História de Portugal", de Herculano); 230 (notícia das "Dissertações cronológicas"); 233 (informação de Herculano); 246 (notícia de "Benedictina Lusitana"); 247 (cantiga de Afonso Sábio); 299 (notícia do "Livro de Linhagens"); 351 (informação do "Ilucidário", de Santa Rosa de Viterbo).

2.º há documentos que não entram na numeração romana: os 82 A; 227 A; 202 A; 314 A; 314 B.

Falar destas coisas é fácil; o difícil é conhecê-las, e falar delas, com acerto e consciência.

Quando se trata delas despreocupadamente, não é pecado prescindir-se da rigorosa precisão dos termos; mas quando nas nossas atitudes há, sob a luva que se vê, o espinho que não se vê, e procura ferir, todo o cuidado é pouco, para que nos não venham à mão.

Mas é inegável que senti grande prazer com a notícia acima transcrita.

O primeiro tomo dos "Vimaranes Monumenta Histórica", apareceu entre 1908 e 1929. Levou 21 anos a publicar-se!

O Abade de Tagilde, seu organizador, seu autor, morreu em 1912, deixando esse volume pronto. Material para o segundo volume, deixou, tanto quanto pôde verificar, muito pouco.

A Sociedade de Martins Sarmiento, não tendo ninguém competente para continuar a obra do Abade de Tagilde, recorreu a estranhos.

Só temos que a louvar pela coragem moral da sua insuficiência, lastimando apenas que noutros campos ela lhe tenha faltado. Por outro lado, estamos todos de parabéns, porque facilmente se junta um grupo de eruditos e investigadores como este que tomou à sua conta o nobilíssimo encargo de compôr o 2.º volume dos "Vimaranes Monumenta Histórica".

Obra de um só — do grande Abade de Tagilde, o 1.º volume apresenta um sem número de falhas, algumas das quais desapareceram na 2.ª edição do 1.º fascículo, devido à minha intervenção junto da Sociedade de Martins Sarmiento e da Câmara Municipal de 1931 — Direcção e Câmara que primavam pela inteligência e pela cortezia.

Obra dos doutos escritores que se prontificaram, generosamente, a orga-

nizá-lo, o 2.º volume vai sair obra perfeita.

Como disse, o material deixado pelo Abade de Tagilde é, para o espaço que abrange (fim do século XIV a meados do século XVIII) insignificante.

A Sociedade de Martins Sarmiento pretende que o 2.º volume contenha os documentos exarados apenas durante a dinastia joanina (1385 a 1580).

Quem não é completamente leigo nestes assuntos sabe muito bem que o material correspondente a estes 197 anos é enorme. E assim o 2.º volume, em tamanho, deve deixar muito longe, o 1.º volume que já tinha 500 páginas.

E se repararmos no êxito erudito que já está, com certeza a estas horas, a catar nas colecções dos seus respectivos Arquivos e Bibliotecas, todos os documentos ou referências que pertencam à história de Guimarães, ficaremos a fazer uma ideia aproximada do que virá a ser este 2.º volume. Só o "Livro dos Roubos", que os trançeses fizeram aos moradores de Guimarães e seu termo, e de que tenho cópia que me ficou por bom dinheiro, só esse documento precioso encherá muitas páginas.

Confiantes no zelo e no saber daqueles que a Sociedade de Martins Sarmiento chamou para a substituir na confecção do 2.º volume dos "Vimaranes Monumenta Histórica", damos os nossos mais sinceros parabéns ao concelho de Guimarães, porque estamos seguros de que a publicação desse 2.º volume é uma coisa garantida.

Se não honra a Sociedade de Martins Sarmiento, porque esta, no caso, é apenas empresária, honrará a memória do Abade de Tagilde, porque sairá obra completa, na qualidade e na quantidade.

A Sociedade de Martins Sarmiento, com uma elegância que é eloquente abonação dos seus sentimentos fidalgos, não desejando molestar o Arquivo Municipal de Guimarães, e não querendo tirar-lhe a glória de publicar ele só, sem recorrer a estranhos, o seu magnífico recheio documental, no seu "Boletim de trabalhos históricos", a Sociedade de Martins Sarmiento, dizimos, não se dirigiu a quem quer que fosse privado de o dar no "Boletim de trabalhos históricos". E a Sociedade de Martins Sarmiento, com a extremada cortezia que a caracteriza, e a profunda consideração pelo Arquivo, de que tem dado exuberantes e repetidas provas, não quer, nem de longe, dar motivos de desgosto à instituição cultural que a cidade de Guimarães deve ao sr. prof. dr. Gustavo Cordeiro Ramos.

Ajudada neste ingente labor pela Comissão Administrativa da Câmara Municipal de Guimarães, a Sociedade de Martins Sarmiento é cretóra do meu mais devotado reconhecimento. Ingrato seria, imperdoavelmente ingrato seria eu, se lhe regateasse o meu reconhecimento, e não lhe afirmasse, desta forma solene e pública, as homenagens da minha indelével gratidão — em nome do Arquivo Municipal, de que sou Director.

Alfredo Pimenta.

Obra inadiável

Todo aquele que, por qualquer motivo, tenha de utilizar um automóvel e dirigir-se à Arcela ou para a Avenida que liga o Campo do Salvador (Cano) à Cadeia Nova, pelos solavancos que sofre, verificará o mau estado das duas artérias de ligação e dará ao diabo a infeliz lembrança de por ali meter carro, sem previamente o ter calcurriado a pé.

Covas e mais covas, falhas de brita, e um ar de abandono que nos provoca até tonfaras... eis o estado actual dos intranstitáveis caminhos!

Pessoa amiga informa-nos, e as suas palavras não deverão merecer dúvidas, das mil e uma dificuldades que se levantam como santulhos aos automobilistas, admirando-se das causas que originaram a reti-

Não os sei fazer...

A uma Senhora
que me pede versos-modernistas...

Os meus versos, Senhora, ainda são Compostos e medidos à antiga, Já cheiram a bafio, a Pai-Adão, São de cabelos brancos como estriga...

Versos que a gente traz no coração Vêlhos de ternura e de fadiga, Versos sem um minúsculo aleijão, De corpo bem direito e sem barriga...

Mas há-os, para aí, com gigantes Versos de légua e meia, delirantes, Outros tam pequeninos e mexidos,

Que parecem gingar como fadistas... São os versos das "liras modernistas", Que nos deixam pasmados, encolhidos!...

Fevereiro de 1937.

DELFINO DE GUIMARÃIS.

rada do cascalho que ali já havia sido acastelado para o conserto dos referidos caminhos — sem novas satisfações que em muito feriram os moradores da parte alta da cidade.

E porque não?

Ao sair a barreira da estrada que nos liga a Braga, mesmo em frente da linda vivenda do Proposto e a seguir à Parada dos Bombeiros Voluntários, constata-se que o muro de suporte dos terrenos onde funciona o Campo de Foot-ball, além de ter desabado em parte, continua a ameaçar ruína e sem que providências tenham sido tomadas para obstar a novo desmoronamento.

— Que faz o senhorio?

— Que faz a Junta Autónoma das Estradas?

— Ver-nos-emos forçados a admitir um estado de coisas que possa originar uma fatalidade?

Apelamos para quem de direito a-fim de evitar desastres de maior, por tudo desagradáveis e deshumanos.

Homenagem bem merecida

Na carta de Guimarães para o «Primeiro de Janeiro», de terça-feira última, vem inserta a fotografia do industrial desta Praça, sr. Bernardino Jordão, acompanhada de merecidas palavras de louvor pela iniciativa que se propôs levar a cabo — a construção de um Teatro amplo, moderno, feito de molde a satisfazer os mais exigentes requisitos do conforto.

Nada mais justo e nada mais sincero.

Bernardino Jordão é cretór da nossa admiração e do nosso respeito, e tudo quanto se diga dos seus propósitos será pouco em relação ao muito que a Terra lhe vai ficar a dever — gesto nobilitante que a honra de sobremaneira —, elevando-a não só no conceito de cidade civilizada mas reatando uma tradição de cultura que era considerada como perdida.

Gostosamente nos associamos às encomiásticas palavras de João de Deus, reservando-nos para em melhor oportunidade prestar homenagem condigna ao grande benemerito de Guimarães.

O Carnaval

Quási ninguém deu por ele. O Carnaval, luxuoso ou maltrapilho, com todos os seus divertimentos irrequietudes, nesta terra de misantropia passou ligeiro, despercebido, enfadonho...

A alegria, aquela espontânea alegria de outros tempos, não fulge já no rosto do povo, e ao seu contágio mais se dá a impressão de tristeza que de aparente boa disposição.

— Valha-nos ao menos as gravuras insertas nos grandes jornais para regalo de quem não pôde ir gozar um Carnaval a... Nice.

Lêde e propagai o "Notícias de Guimarães".

Gazetilha

O carnaval, coitadinho, foi tão desconsoladinho, não teve mesmo pilhéria. Foi autêntica tragédia em vez de ser a comédia que agita toda a miséria.

A creança enfatuada por se sentir enroupada como se já fosse alguém, um ou outro maltrapilho dando-se ar's de peralvilho, e de resto, mais ninguém.

Em tempos foi folião, foi carnaval brincalhão, teve cor e garridice, agora tudo mudou, pois o Rei Mãma passou a ser uma pelintrice.

Havia gente aos cardumes, tudo de lança perfumes em riste, p'ra bisnagar a costureira galante que passava saltitante, que se fingia zangar.

Era mesmo uma delícia bisnagá-las com pericia no rosto, ou mesmo nas pernas, ouvir depois a resposta à laia de quem não gosta, mas dada em palavras ternas.

Puxava a ponta do chaile, era já um par p'ra o baile onde nunca se faltava, era noite de folia em que se bailava e ria, que de manhã acabava.

E no meio do folguêdo, a gente, quási que a médo, de leve co'a mão lhe toca, e na pequena bonita que não se faz exquesita, nunca faltava a beijoca.

E eu digo até com saúde que o carnaval de verdade té parece que emigrou, era borga para todos, a gente gozava a rodos... Era bom, mas acabou.

Camara Dão.

INTERESSES MUNICIPAIS

O novo Código Administrativo.

Razão de ordem (3)

... Porque, em verdade — dizia nas Constituintes o Deputado Pereira do Carmo — as Câmaras actuais de todo o Reino Unido são detestáveis e mesquinhas, com mui poucas excepções. Mas o que foram as Câmaras nos tempos passados entre nós, e entre as nações mais civilizadas da Europa?... Em Portugal (acrescenta, depois de recordar a importância passada delas em Inglaterra e França) tiveram consideração enquanto o nosso antigo pacto social se conservou em seu antigo vigor; mas decaíram logo que lhes faltou esta base em que se ancoravam. Desde então desapareceram das Câmaras os homens probos e inteligentes, ou apareceram violentados: porque não queriam prostituir seu carácter e dignidade numa corporação em que os Ministros da Corôa eram tudo, e êles nada». Estas palavras, ajustadas ao quadro que vimos ligeiramente esboçado, revelam o fervor patriótico das Constituintes de 20 no incremento da antiga vida municipal, reorganizada em conformidade com seus entusiásticos, sinceros e generosos ideais, à semelhança do que se estava fazendo nos povos mais cultos. A discussão, embora apaixonada, foi atenta, convicta e reflectida. Com receio de que as rendas públicas continuassem a beneficiar apenas a cabeça do concelho, donde derivava a falta de estradas, pontes e outros melhoramentos urgentes, chegaram a pensar na criação de duas espécies de Câmaras, umas apenas com atribuições económicas, outras com funções económicas e administrativas, ideia posta de parte por motivos fortemente ponderáveis. Nas suas linhas gerais, a nova, ou melhor a nossa primeira organização administrativa, exarada e conglobada no Título VI da Constituição,

criava o governo administrativo das províncias, confiado às Juntas Provinciais, uma em cada Província, e compostas dos vários Deputados de cada concelho da Província; e às Câmaras, nas quais residia o governo económico e municipal dos concelhos, sendo os Vereadores de eleição popular. As atribuições das Juntas Administrativas estendiam-se a todos os objectos de administração pública de Província. As das Câmaras, eram também latas e vastas: promover a agricultura, o comércio, a indústria, a saúde pública, e geralmente todas as comodidades dos moradores do concelho; estabelecer feiras e mercados, nos lugares mais convenientes, com aprovação superior; cuidar das escolas de primeiras letras e outros estabelecimentos de educação, dos hospitais, casas de expostos e outros estabelecimentos de beneficência; cuidar das construções, ou de utilidade, ou de ornato, que são particulares do concelho, assim como nos reparos das obras públicas, e igualmente nas plantações e árvores dos baldios e terras que pertencem aos concelhos, na forma do seu regimento; fazer as posturas ou leis municipais, sujeitas a aprovação da Junta Provincial; cobrar e dispender os rendimentos do concelho na forma do regulamento; impor, cobrar e dispender as finças que, na falta de rendimentos do concelho, se lançassem aos moradores dêle, dentro da quantia e na forma que a lei determinasse — além de outras de carácter fiscal e militar, como as do aboletamento das tropas.

Mas isso, dentro em breve, seria, como foi, letra morta: a reacção absolutista de 1823, suprimindo a Constituição, não deixou vingar a nobre iniciativa.

Questões

de momento

A propósito do último artigo aqui publicado e subordinado à epígrafe acima, referente às vantagens da Reforma do Ensino Secundário, recebemos algumas cartas de aplauso e outras em que se demonstra das desvantagens advindas do *modus faciendi* dos Horários.

Agradecemos a todos o interesse demonstrado pela doutrina das nossas descoloridas palavras — sinceramente difundida —, ressaltando, porém, a parte que nos acusa de não ter noção do tempo, exacta noção do tempo, para bendizer de uma

reforma que obriga os alunos a iniciar os seus trabalhos às 8 horas da manhã, desta maneira causando transtornos a quem viva fora da zona Liceal.

Admitamos as intenções dos nossos interlocutores, na sua maioria sãs, mas, observemos paralelamente as suas queixas:

a) — ¿A lei permite a residência fora da zona onde funciona o Liceu? — Se permite, têm razão os pais e encarregados de educação dos alunos. Têm razão e estão dentro da bôa lógica.

b) — ¿O simples facto de iniciar-se os trabalhos às 8 da manhã será motivo para reacção, sabido que o aluno dispõe de uma tarde inteira para folga e estudo? — Se o critério a adoptar é filho da dificuldade de transportes, prossigamos no caminho que nem tam árduo se apre-

senta. Em todos os países europeus os trabalhos escolares são iniciados à referida hora (alguns dêles bem mais sombrios do que o nosso), critério assaz experimentado para quem, na instrução, vale um pouquinho mais do que a rudimentar de conhecimentos gerais perfilhada em Portugal, e que, no todo, corresponde a um aproveitamento pedagógico muito de ponderar — aproveitamento que de sobremodo se reflete pela vida fora, criando homens de sentido e mais activos, integralmente válidos de corpo e de espírito. E' um hábito inveterado nos portugueses o pretenderem fazer do dia-noite, e da noite-dia, mal endêmico que contagia gerações e gerações, para que o admitamos no seu valor excêntrico ou o aceitemos como venturosa felicidade. Já Taine o afirmou: «a natureza do homem é composta de infinitas aspirações» — e quasi se julga impossível consentir num vício que embota o espírito, não traz rendimento ao ensino e não evita com eficácia a defesa da bolsa dos pais, uma vez que várias vezes temos ouvido a imprecação de Temistocles que nos avisa: «a preguiça é a sepultura dos vivos».

G. C.

Vária

Guimarães em 1837 — Pouco nos aponta de notável o mês de Fevereiro de... há cem anos. Fôram presos pela policia alguns ladrões, que vinham fugidos de um grande roubo, feito em Oliveira, com assassinio. Alguns eram daqui, outros de diferentes partes. Fôram-lhes apreendidas algumas roupas e objectos roubados. Manoel Baptista arrematou uma quinta, próxima ao Convento da Costa, e que fôra dos Frades do mesmo Convento. Já havia arrematado outra, no mesmo sitio. Tornaram a começar as obras na Colegiada, que haviam sido suspensas por ordem do Governador Civil. O Cônego João Baptista foi quem promoveu a continuação das obras. Queixavam-se, porém, os Colegas de que êle o fizera sem autorização do Cabido, sem anuência de qualquer outro Cônego, arvorando-se em Director — ou Ditador.

Dizem-nos que, mal passado o Entrudo e ainda não de todo bem desgrudada a cinza de Quarta, primeira e infício da Quaresma, fazia — ou fizera — anos o nosso *dom camaradão*, com *dom* na Gazetilha brejeira. O rimar em *do* ou *om*, com *dar* e *levar* é fácil; mas, cá o nosso homenzinho, tanto rima em fácil como lhe arrima ao difícil, em rimas e não rimas, não sei se me faço compreender... Bem intencionado, sob a máscara, algo suspeita, mas afinal simpática — porque não é o *camaradinho*? — adivinha-se nele o sorriso sentimental do bom amigo... dos seus amigos e da sua terra, a quem dedica o apaixonado fervor dos vimaranenses da velha grei. O estuar da mocidade, quando o tango-manglo vermina os impulsos mais sinceros, não lhe deu nem o jeito repulso e desentoadado de carpideira, nem a saioia bonacheirica do bom pintalguete e alegrête. Sorri — e o sorriso é a condensação da tristeza inteligente da lágrima na não menos inteligente suspensão do riso. Por vezes, é certo, *camaradão*, rapaz novo e generoso — risca de seu próprio nome e de si próprio a a esquerda *sina-má* — e é capaz de ficar, no apimentado da graça, inofensiva, levando-lhe a breca e o vento os dentes — que os não tem posticos — o *Camara*(ad)ão aguçante da graça. Cuidado porém, que, nisto de fazer anos — anos vêm, anos vão... — e depois nem camarão no plural lhes vale, nem aos anos que passam, nem... a quem os faz.

de Francisco Rodrigues Lobo:

- contentar aos cubiçosos
- se não cativasse aos
- Falar a um morto e aconselhar a um avarento é cuidado vão.
- sucedeu que o Senado daquela República o elegeram: os Senadores, os do Senado o elegeram
- sequinhos a arcaia
- e até as águas, que por entre as veias descem, saiem cruas e de sabor pesado
- sonhos da cubiça, maldades da

Notas Tripeiras

A abrilhantar os bailes de Carnaval que tiveram lugar na sede do Orfeão Lusitano, nas noites de sábado e terça-feira últimas, vimos nesta cidade a excelente Orquestra Vimaranense, que na ausência do seu illustre regente, o sr. Alfredo Caldeira, foi regida pelo hábil artista musical, o inteligente e estudioso António Guise, filho do nosso amigo sr. Joaquim Guise, maestro da reputada e conhecidíssima *Banda dos Guises*, hoje dos Bombeiros Voluntários de Guimarães.

Temos ouvido fazer-lhe as mais lisongueiras referências e os melhores elogios, quer pela maneira como cada um dos seus componentes se apresentou, quer pela primorosa execução dos variados e lindíssimos números de música apresentados, pelo que a Orquestra Vimaranense foi muito aplaudida.

Apraz-nos registar estas palavras de justiça, tanto mais que, dizem-nos, os briosos rapazes se mostraram gentis com a numerosíssima assistência, que, nos intervalos, se lhe dirigia com palavras de carinho e de homenagem.

Parabéns, portanto, a todos. Muito especialmente ao amigo António Guise.

O Carnaval, nas ruas, foi de uma pobreza franciscana. Apenas a curiosidade tripeira era chamada para os grupos de crianças, que, na verdade, se apresentavam interessantes e lindas.

No Palácio de Cristal também houve bailes, mas, como o nosso padecimento continua a julgar-nos *roupa de franceses*, não fomos vêr. Que estiveram muito concorridos, é o que nos afirmam. No *Sá da Bandeira*, também houve espectáculos com o «Arre, Burro!» de mistura com bailes, jogos de Carnaval, etc., etc.

A propósito: O «Arre Burro» não presta. No entanto, teve muitas enchentes, o que é para estranhar...

Um amigo nosso teve esta frase: *arre burro*, eu! — que fui lá!?

Agora, só é permitida aos peões a passagem pelos passeios, e quando tenham de mudar de *poiso*, têm de fazê-lo cortando a rua em linha recta...

Não vemos que vantagem surja de semelhante medida, pois se é para evitar desastres, êstes, se se tiverem de dar, tanto se dão na linha recta como na obliqua! Se não é assim, peçam-me — perdão! — peço desculpa.

Fevereiro-1937. Domingos Ribeiro.

avareza, sobejidões da vaidade: são frutos do ouro — indo em seus alcances — o arco celeste... perfilado de ouro — andassem em morgado a uns descendentes: na herança ou património — D. Pedro o justicoso com os pobres, que até a manga do braço direito mandava fazer mais larga e comprida, para alcançar a todos no fazer mercês

Notas dispersas

«Crê-se por ventura que a ordem e a tranqüillidade pública se mantém mais facilmente no meio de um vulgo ignorante e grosseiro, do que entre homens laboriosos, que, além dos conhecimentos próprios de seus officios e misteres, saibam quais são os seus direitos e obrigações, e conheçam alguma coisa do mundo e das suas leis e successos? — Quem assim pensa vai bater contra a história de todos os séculos. Um povo empêgado na ignorância e bruteza, será mais fácil oprimi-lo do que governá-lo: ou antes diremos que é *necessário* regê-lo com vara de ferro, para que se não converta em uma besta-féra; ao passo que o povo illustrado facilmente se governa, sendo ao mesmo tempo impossível oprimi-lo. Entendemos por educação e instrução popular a cultura do espirito, e não o ensino das artes fabric ou mecánicas, a que muita gente dá aquele nome. Negar o aperfeiçoamento intellectual aos homens, deixá-los na bruteza e na ignorância, é um acto imoral, e menos-cabo de deveres sagrados, e, por consequência, um crime». — *Alexandre Herculano*.

ENDECHAS

*A graça viva,
Perfumada,
Formosa,
Que traç captiva
Minh'alma
E, na vida escassa,
A alenta e segura...*

*Tam linda,
Meiga
E graciosa,
De beleza infinda,
Que, só por amor,
Adorei
Sua esbelta figura...*

*Não tardou muito
A fazer doer meu coração.*

Todo me visto de tristeza...

*A meus olhos,
Alma que decaiu,
Resvalou-se,
Perdida,
Na eterna solidão.*

*Exista para mim
Ou não exista,
Sôzinho
Vou ressuscitando,
A cada hora,
Sua effigie eterna e verdadeira.*

*Vejo céu e núvens.
Vejo luz e treva.*

*Impossível
Fugir ao meu desejo,
A esta louca canseira!*

*A força do Destino
E' um atributo da Vida.*

*Por ela,
Tudo se transfigura
Como por encanto...*

*Delirio febril,
Este
Que me desvaira
É força, na vã melancolia,
A atirar para longe,
Muito longe,
Para os outros mundos,
Um prolongado
E saúdoso beijo.*

1937. L. COELHO.

Farpas

De novo, o Teatro

De tal modo a solução dêste velho problema interessa a todos os bons vimaranenses que não é demais voltar a ventilá-lo nesta secção.

A solução, agora, é definitiva. Assim o afirmou quem tem autoridade para o fazer — o sr. Bernardino Jordão. Está, pois, de parabéns a cidade de Guimarães. A aspiração que tantos e tantos anos se arrastou, sem que se procurasse torná-la realidade, encontrou o homem que a compreendeu e corporisou. Bem haja!

O novo edificio, — ainda não nos foi dado apreciar a planta, — levantar-se-á, majestoso e moderno, na Avenida Cândido Reis. Desejavamos mais que a sua construção se fizesse no Proposto, no terreno que fica entre a nova Avenida e a estrada de Braga. Daria maior realce e embelezamento a essa nova artéria e ficaria a contrastar com a magestade e sobriedade de linhas da parte em construção do novo Mercado Municipal. Mas, entre as Doroteias, em que se chegou a falar, e a Avenida Cândido Reis, inclino-me mais para esta última. Assim, o novo edificio ficará num lugar mais central e amplo e não encurralado entre ruas acanhadas e de nulo movimento, embora se projecte o prolongamento da Rua do Condestável Nun'Alvares.

Os terrenos do Proposto ficarão para outras construções e quem sabe se num futuro mais ou menos próximo não serão adquiridos pelo sr. Al-

berto Pimenta Machado para congniga instalação dos seus armazéns. Desta maneira serviriam os baixos do edificio para a instalação da secção de móveis, com amplas galerias para exposições, no género das Armazéns Nascimento, do Pôrto. Os das Doroteias podem servir para a Câmara, com a participação do Estado, edificando escolas, desorganizando, assim, as Centrais onde os alunos se acumulam.

E aqui está como do teatro passamos a divagar sobre outros problemas que nos parecem interessantes e que desejamos, a bem de Guimarães, ver realizados num curto espaço de tempo.

S. João das Caldas, Fevereiro, 11 de 1937.

X. X.

PASTA POMPEIA
A MELHOR
A VENDA TUBO 3400 (266)
CAMISARIA MARTINS e LOJA DAS CAMISAS
CASA DAS MEIAS TOURAL

Ainda a pobreza

Nas ruas a pobreza continua infrene e impertinente. E' um entrar e sair de tôdas as portas, o constante e lamuriendo pedinchar, a azáfama das criadas no descer de escadas e a mal humorada disposição de quem se julgava já livre de tal praga.

— 'Smolinha! 'Smolinha!
— O Senhor o favoreça...

Do ouvido de... ninguém

PIERROT

«Menina e môça me levaram da casa de meus pais para longes terras.» Assim escrevia o apaixonado Bernardim nas suas «Saúdaes» impregnadas de um lirismo enternecedor. Movida pelo amor ou pelo dever, também ela um dia partiu, sem se saber para onde: ou mesmo se conhecer a hora da abalada, qual vagamundo que tôda a terra é sua, sem afinal ter nada de seu. Ele ficára a soluçar na sua desolação, pensamento firme naquela que já mais voltará.

Pierrot, o velho e estafado Pierrot, apesar da sua longa vida, conserva ainda a sua alma sempre môça e apaixonada. Todos os anos se sente atirado para um canto como um trapo inútil, alma amarfanhada pela saudade da sua Columbina, chorando a infidelidade da qual era todo o seu sonho, Pierrot é sempre correcto no seu trajar, nunca deixa de espalhar em sua volta os perfumes mais caprichosos. A sua triste sina vai-se cumprindo, mais uma vez êle sente a dôr da sua soledade, experimenta a vergonha de se sentir abandonado de todos. Deixou cair o seu clássico bandolim ou arremessou enfadado a sua concertina, nos seus olhos há o pranto de quem tem o coração esfarrapado. Chorando a sua desdita, pensa na ingratitude da mulher que tão ternamente o fizera sonhar com castelos medievos que agora vê ruidos, tem o escárneo daqueles que não compreendem a sua alma enamorada que vislumbra romances de cavalarias.

Jaz a um canto como frangalho réles, e as lágrimas amarrissimas que brotam dos seus olhos semi-cerrados, fazem com que veja tudo por um prisma bem diferente. E naquela sua posição desoladora, nós vemos que as lágrimas lhe empapam os bofes franjados que lhe circundam o pescoço, lágrimas amarissimas que a sua dor abrandam.

E. N. Fastiado.

CASA
Aluga-se no Campo do Salvador (Cano).
Bem situada. Bôas divisões. Renda, 150\$00.
Tratar com José André. (269)

Diálogo Amoroso

(Gênero sentimental e musical)

Teodora e Teodoro

— Tanto tempo a tua espera, e, tu, meu amor, sem te dignares aparecer. Sem te lembrares de mim, que de ti me lembro a cada momento. De mim, que te espero sempre ansiosa e trago constantemente dentro do peito, muito chegadoinho ao coração!

Fala, dize, responde, que motivo impediu de compareceres, como do costume, à hora habitual?

Já me não amas! Já não sou, para ti a tua adorada Teodora!...

Que infeliz eu sou! Ai de mim!

Que acabarei chorando
Se isto continua assim!...

— Não chores, nunca t'fijas, tem confiança em mim, que sinto por ti a mais profunda e enternecida paixão!

— Não me iludas, Teodoro!
— Escuta, ouve-me, acredita no que vou dizer-te: Afianço-te e juro-te a fé de quem sou que:

Por ti suspiro,
Por ti dou aís,
Por ti não posso
Suspirar mais!

— Que bem cantas, meu amor! E's um autêntico, um genuíno canário-flauta!

— Obrigado, Teodora! Mas não me lixongees... não me confundas... não me confundas com os passarinhos do meu doce enlêvo.

— Olha, dize-me, porque não vies-te, porque fizeste chorar tanto a tua querida Teodora? Porque foi, Teodoro? Estive-te no baile a jogar serpentinas e confetis ou a admirar as polcas e as valsas dos Pierrots e Pastorinhas?

— Ciumenta...
— Ciumenta, eu?!
— Sim, tu! Tu, que pões em dúvida o amor puríssimo que te jurei, lá em cima, à luz da lua, quando sentados num banco da «Meia-Laranja»! Lembras-te?

— Ah! Sim! Foi lá, foi, que tu me disseste, numa voz muito doce, muito terna, muito meiga, muito tremeliques, que no teu coração só tinha império a tua Teodora. Como tu estavas romântico! Como tu estavas lírico, ó Teodoro!...

— Ainda bem! Ainda bem que te lembras! Pois quem recorda ainda, e confiou nas minhas palavras, que juro sinceras, não tem direito a supôr-me em bailaricos que há muito deixaram de ter para mim os encantos de outrora!... Que saúdaes!... Que saúdaes do entusiasmo e da alegria dos tempos que lá vão! Como tudo acaba!... Como tudo passa tão depressa neste vale de lágrimas, de basólias e vis intrigas!...

— Mas o nosso amor será eterno!
— Quem te diz que não, minha querida?! Quem ousa duvidá-lo?!

— Estás a falar sério, Teodoro?
— Não duvides de mim Teodora, a quem só minha alma adora!

— Obrigada! Mil vezes obrigada meu Teodoro, a quem tanto adoro!

Serás sempre o meu amor perfeito, o meu jasmim, o meu bem-me-quer!

— E tu, a minha rosa, a minha magnólia, a açucena dos meus enternecidos encantos!

— Como sou feliz! Como a minha alma inunda de suprema ventura!

Irásmo comigo à inauguração do novo teatro, sim? Nós, casadinhos, amibinhos, no camarote. Tu de *smoking* e de colarinho lustroso, e eu de grandes pingentes, de cabelos ondeados, lábios carminados, donairoza e linda!

— Sim, sim!... O' ai! O' linda!

Se tu queres casar comigo!...

Lremos à inauguração do novo teatro, sim! Também quero vibrar de contentamento! Também quero vibrar e cantar, que ninguém pode impôr silêncio aos corações!

Cantar, sim!

(Teodoro, cantando:)

Vibrem pais e vibrem mãis,
Vibrem todos quantos estão;
Parabéns a Guimarães!
Mil abraços ao Jordão!

(Teodora, sorridente, empunhando o leque, e qual prima-dona, em sua voz de cristal, faz-se ouvir nesta canção de antanho, que é acolhida com carinhosas manifestações de aplauso e simpatia:)

Quem diremos nós que viva,
Entre cravos e mais rosas?
Viva o sr. Bernardino
Que tem acções generosas!

Vozes: Muito bem! Muito bem! Bis! bis!

— Obrigada, meus senhores, Mas não posso cantar mais;
Dou um xix ao Bernardino,
Mais um beijo a Guimarães!

J. de G.

A Estrada de Tagilde

Chamam a nossa atenção para este importante melhoramento de Tagilde, parado a contar de há 6 anos, e que merece reparo de todos aqueles que reconhecem nesta obra uma vantagem enorme para o progresso daquela freguesia rural. Dizem-nos que, para a sua conclusão, apenas faltam 1.260 metros, podendo-se até por admi-

nistração directa levar a efeito o restante, desanuviando o povo de uma caminhada que é bem mais de 14 km. dos puxados e tornando mais encurtada a distância com a séde do Concelho — centro onde se reflecte a progressividade das suas freguesias.

— Porque se espera?

João de Deus

através a sua prosa e a «Cartilha Maternal»

No que respeita ás «*Prosas*», desde 1878 principiaram a surgir transcrições várias com o intuito de tornar conhecida a naturalidade mais encantadora do estilo do poeta; e últimamente, graças à actividade cultural de muitos literatos, na «*Revista Moderna*», ainda em vida do grande lírico, foram coligidas graciosas páginas em prosa, como unia revelação desconhecida do seu formidável talento. Na corrente do estudo interessante dessas prosas, facilmente se reconhece que se tornam indispensáveis a todos que necessitem de estudar a psicologia do prosador.

João de Deus, não nos aparece como um filósofo e muito menos como um político, nem também com uma cultura científica e erudição histórica que lhe fundamentem o critério. Será isto porventura inferioridade? Representará na escola valorativa um decréscimo palpável?

Falando com o máximo rigorismo e compreendendo com exactidão o distintivo «eu sou um ignorante sistemático», não resta dúvida de que essas inaptidões, longe de diminuírem o poeta, são indício bastante da sua independência e superioridade. E diz a êste respeito Teófilo Braga: «*não era um filósofo, como aqui temos um que professa há 30 anos filosofia na mais completa imbecillidade; não era político e por isso não se emporcalhou entre a geração dos hábeis que puzeram êste país a saque, como o confessam na derrocada da pedantocracia liberal*».

A ninguém deve custar a crêr, que sendo-se assim — um ignorante sistemático — como o próprio João de Deus dizia, é quasi atingir-se a libertação filosófica, é estar por conseguinte acima de todos os preconceitos mundanos, é ser-se sóbriamente modesto.

As «*Prosas*» que apresentam esta faceta de tom um tanto ou quanto negativo, não o deprimem; antes pelo contrário explica me bem, como João de Deus conseguiu passar imune através de uma atmosfera em que dominavam pedantes, uma época cheia de louvaminhas.

Na soma do material arcaado, preciosos elementos biográficos se nos deparam; e um dos principais traços do grande prosador, poeta e pedagogo, é a sua existência constantemente agoniada pela falta de recursos económicos, assunto que trataremos num dos próximos números.

Espôzende, 1937. Domingos Gomes.

Ainda o 5.º aniversário do

«Notícias de Guimarães»

A-pesar-de decorrido já mais de um mês sobre o aniversário do «Notícias de Guimarães», continuam alguns colegas a referir-se, nos termos mais amigos, ao nosso jornal.

Transcrevemos do «Jornal de Monção»:

«Notícias de Guimarães»

Este vibrante hebdomadário que se publica na mui histórica e leal cidade que lhe dá o nome sob a inteligente direcção do sr. Antonino Dias, illustre jornalista, completou mais um aniversário, pelo que sinceramente felicitamos o seu illustre Director e corpo redactorial.

Os nossos agradecimentos.

Vida Católica

Conferências quaresmais
Iniciaram-se, ante-ontem, no templo dos Santos Passos, as conferências quaresmais que são feitas pelo ilustrado orador sacro rev. Virgílio Estezo, Padre Redentorista.

Semana Santa
Por iniciativa dos Padres Redentoristas vão realizar-se este ano no templo de S. Dâmaso, as imponentes solenidades da Semana Santa.

Quarenta horas
Nos templos da Misericórdia e de S. Dâmaso e na capela da V. O. T. de S. Domingos realizaram-se durante os três dias de Carnaval, com grande concorrência de fiéis e muita imponência os tríduos das Quarenta Horas.

Congregação Mariana
Na Basilica de S. Pedro teve lugar no passado domingo, a exemplo dos anos anteriores e como havia sido anunciado, a festividade anual da Congregação Mariana, ali erecta, em honra da Virgem, sua Padroeira, tendo decorrido com muito brilho. Foi orador o rev. Virgílio Estezo.

Aposição de Cinza
Nas igrejas paroquiais realizou-se na quarta-feira passada a cerimónia da aposição da cinza aos fiéis.

Irmandade de Santa Luzia
Ficou assim constituída a nova Mesa da Irmandade de Santa Luzia, erecta no templo de S. Dâmaso, desta cidade:

Juiz, Francisco José Fernandes; Secretário, Joaquim de Sousa Dias; Tesoureiro, Joaquim António da Cunha Machado; Procurador, Augusto José Borges; Mordomo da cêra, Fortunato Ribeiro Marques; Mordomos Vagos, António Alves Ferreira e José d'Oliveira Costa.

Artigos de Bordar

MARCAS
DMC -- CB -- ANCORA etc.
Apresenta o mais completo sortido a Camisaria Martins
Casa das Molas (245)

Sensacional novidade literária!
O romance que maior êxito tem obtido nos últimos tempos, revelando toda a verdade do que se passou quando da revolta popular do Minho

A Maria da Fonte

Obra histórica de incontestável valor para todo o público, e em especial para os arqueólogos e estudiosos, original do escritor

A. Victor Machado
A Maria da Fonte não é um romance fantasiado; é a Verdade dos factos que se desenrolaram naquela época.

Obra completa em 2 volumes, em assinatua mensal de 4 tomos de 32 páginas a 1\$25.

Pedidos aos editores
Henrique Torres
Rua de S. Bento, 279 — LISBOA

O que há hoje

Solenidades religiosas
A's 15 horas, no templo de S. Francisco início das conferências quaresmais.

Cinema Gil Vicente

A Viúva Alegre é um espectáculo triunfal, apoteose de trinta anos de cinema.

O filme com maior luxo, graça e deslumbramento que se tem produzido.

O filme que consegue ser, além do valor próprio, o melhor trabalho de Chevalier.

A melhor criação de Jeanette MacDonald. Um sonho maravilhoso que encantou Lisboa.

Um espectáculo que deslumbra, que empolga, que diverte e que agrada sem reservas a todos os espectadores.

Para se avalear o valor dêste filme bastará ter em conta as melhores referências que lhe fizeram os seguintes jornais: «República», «Diabo», «Bandarra», «Cinéfilo», «Jornal do Comércio e das Colónias», «Diário da Manhã», «O Século», «Diário de Lisboa», «Diário de Notícias», etc.

Assembleia Vimaranesa
A's 21,30 horas, em sessão cinematográfica, só para os sócios, A Viúva Alegre.

AMA DE LEITE com 23 anos, oferece-se a Falar, Barreira do Canto, GUIMARÃIS

da cidade

Painel da semana

Aplicando sanções

Diz num dos seus livros um ilustre psiquiatra suíço, que um homem pode ter releger por uma mulher qualquer sem releger para um plano secundário os seus sentimentos e ideais mais nobres, experimentar mesmo uma certa aquela que o faça sentir-se galo. Aquêles que pertencem de facto ao chamado sexo forte, que por vezes tanta brandeza mostra, sabem muito bem que assim é, mas há mulheres que de maneira alguma se conformam com tais ideias.

Ela passava sacudida e provocante, desenvolta no seu andar, quando alguém que passou junto dela lhe deu um formidável encontrão que a atirou de gangão por uma porta dentro, que por acaso estava mesmo ao geito. Colhida de surpresa, teve que ceder ao impulso recebido, e ainda mesmo sem ter retomado o equilíbrio que perdera, sentiu que um guarda-chuva caía desapidadamente na sua cabeça com a gana de um ferreiro que malha em ferro frio. Palavras pronunciadas por entre dentes, embora poucas, foram as suficientes para elucidar da causa de tanta fúria, que teve o final de todos estes casos: a criminosa sentira-se aliviada do castigo por haver um espectador que entendeu que já tinha gozado o suficiente. Mas o guarda-chuva partido denunciava que tudo aquilo não tinha sido um simples simulacro.

Se esta forma de protestar, e castigar, pega em moda, as mulheres terão que esperar que as suas encomendas possam ser aviaadas, pois não há fábricas que agüentem tanto consumo. E agora, aqui para nós, leitor amigo: é capaz de saber quantos guarda-chuvas tinham de ser partidos por tua causa? — E' o sabes?!

Por alma do Conselheiro João Franco — A Mesa da Irmandade de S. Sebastião erecta na igreja de S. Dâmaso, manda celebrar amanhã, segunda-feira, ás 9 horas da manhã, naquele templo, uma missa em sufrágio da alma do saudosíssimo português Conselheiro João Franco Castelo Branco, grande amigo da nossa Terra.

Legados Pios — Mais uma vez se chama a atenção dos responsáveis dos Legados Pios, para prestarem as suas contas durante o corrente mês, na Secção Policial da Câmara, a-fim de evitarem que, pela mesma secção, sejam executados pelo não cumprimento dos mesmos.

Aos vendedores de leite — Novamente se previnem os vendedores ambulantes de leite, de que tem de munir-se do respectivo cartão de licença até ao dia 15 do corrente. Desde essa data em diante todos aqueles que forem encontrados sem o alludido documento, serão autoados.

Câmara Municipal — O Chefe do Distrito deu conhecimento à Comissão Administrativa da Câmara, de lhe ter sido concedida a participação do Estado, de esc. 17.817\$ para alargamento do caminho do lugar das Carvalhas, freguesia de Gémeos.

O vereador da Saúde Pública e Assistência, deu conhecimento à Câmara de ter sido inaugurado no dia 5 o Lactário Municipal que se acha instalado na «Casa dos Pobres».

A C. A. autorizou o pagamento de esc. 20.272\$700 aos herdeiros do Mestre de Obras, Antonio Leite Guimarães, importância devida ao mesmo por obras feitas no edificio dos novos Paços do Concelho.

Ocorrências — Adelaide Miranda dos Santos, solteira, servçal, do Cônego José Maria Gomes, apresentou queixa na policia contra Tezera da Costa, solteira, doméstica, da Rua 5 de Outubro, por insultos; — Ana Rosa, solteira, operária fabril, da rua da Liberdade, queixou-se, também, contra Lina Soares e seu pai Antonio Carlos Soares, moradores no Matadouro Municipal, por insultos e agressão.

Liga dos C. da Grande Guerra — Foi de esc. 505\$00 a verba dispndida sob a rubrica Assisistência a Ex-Combatentes e familias em precárias circunstâncias, durante o mês de Janeiro findo.

— Na séde do Núcleo da Liga teve lugar no dia 7 a distribuição

Banco de Barcelos

Fundado em 1875

Agência de Guimarães

Largo do Toural

(Instalações da antiga Secção Bancária da firma SOUSA JÚNIOR, SUCRS.)

Depósito à Ordem e a Praso, Descostos, Transferências, Saques, Compra e Venda de Papeis de Crédito e Cupões, Cobrança de Juros e de Dividendos.

Tôdas as operações bancárias permitidas por lei.

TELEFONES (BARCELOS N.º 31 GUIMARÃIS " 60

pelos associados mais necessitados, doentes e sem trabalho, de 30 cobertores e 12 camisolas, como oportunamente fôra anunciado, e mediante a apresentação dos respectivos ates tados.

Medida acertada — A partir da última quinta-feira o comboio rápido que chega a Guimarães pouco depois das 19 horas, começou a ter paragem no apeadeiro de Covas, sempre que haja passageiros que ali desejem sair e que, para tal, avisem o revisor.

Combolo-Automóvel Académico — A Academia vimaranense tomou parte no Combolo-Automóvel que há dias seguiu para Espanha, enviando também os donativos que angariou no nosso concelho, a favor dos nacionalistas do paiz visinho.

Ilda Stichini — Por se encontrar incomodada a inteligente Actriz Ilda Stichini, não se realizou ante-ontem o seu anunciado recital no «Gil Vicente» que ficou transferido para a próxima quarta-feira.

João António da Silva Guimarães — Devido aos seus muitos afazeres pediu a demissão do cargo de tesoureiro da Sub-Agência da Liga dos Combatentes da Grande Guerra, lugar que há alguns anos vinha desempenhando com extraordinária dedicação e muito zelo, o nosso bom amigo e conceituado comerciante local sr. João António da Silva Guimarães, que àquela patriótica e prestante instituição prestou relevantes serviços.

Lamentamos, pois, o seu afastamento da direcção da Liga, certos de que a sua falta se fará sentir.

Romarias — Realizou-se no último domingo, no Pevidem e em S. Miguel de Creixomil, as tradicionais romarias de S. Braz e da Senhora da Luz que, a-pesar do mau tempo, foram muito concorridas.

Incendio — Ao principio da tarde de ontem manifestou-se um principio de incendio na Pensão «Minho e Douro», tendo comparecido prontamente a nossa Corporação de Bombeiros que não chegou a trabalhar.

Boletim Elegante

Casamentos

Realizou-se há dias, em Santo Tirso, o casamento do nosso prezado amigo e conterrâneo, sr. João Afonso Mendes Ribeiro, filho do também nosso bom amigo sr. Porfirio Mendes Ribeiro e de sua esposa a ex.ª sr.ª D. Angélica Leão Cruz Almeida Ribeiro, com a ex.ª sr.ª D. Zilda Dias Moreira da Silva, gentil filha do sr. António Severo Moreira da Silva, daquella localidade, e de sua esposa a ex.ª sr.ª D. Maria Dias Moreira da Silva.

Aos noivos desejamos muitas felicidades.

Também no templo da Misericórdia desta cidade se realizou há dias, o casamento do nosso amigo sr. Eduardo José de Freitas filho do também nosso prezado amigo, sr. José Ribeiro de Freitas, e de sua esposa a ex.ª sr.ª D. Delfina Amália de Freitas, com a ex.ª sr.ª D. Silvina de Lemos Mesquita.

Aos noivos, desejamos, igualmente, muitas felicidades.

Conde de Paço Vitorino

Esteve em Guimarães, tendo-nos dado a honra da sua visita o nosso bom amigo, sr. Conde de Paço Vitorino, bem como seu filho o sr. Visconde de Cortegeça.

Capitão António Flores

Completo o tirocínio para Major, tendo ficado aprovado, o nosso prezado amigo e conterrâneo sr. Capitão António Flores a quem, por tal motivo, cumprimentamos.

Dr. Aventino Faria

Foi nomeado vice-reitor do Liceu de Martins Sarmento, desta cidade, o nosso prezado amigo e distinto professor do mesmo estabelecimento de ensino, sr. Dr. Aventino Lopes Leite de Faria, a quem cumprimentamos.

Dr. Américo Durão

Encontra-se melhor dos seus incómodos o nosso bom amigo e distin-

to colaborador e ilustre Poeta, Sr. Dr. Américo Durão, a quem desejamos pronto restabelecimento.

Dr.ª Angélica de Almeida

Esteve entre nós, de visita a sua família e a passar o Carnaval, a nosa distinta conterrânea e intelligente professora liceal, Sr.ª Dr.ª Angélica Pizarro d'Almeida.

Manoel Alves d'Oliveira

Tem passado ligeiramente incomodado o nosso prezado amigo e distinto colaborador, Sr. Manoel Alves d'Oliveira. Desejamos as suas breves melhoras.

Visconde Viamonte

Regressou de Ponte do Lima à sua Casa dos Pombais, o nosso bom amigo sr. Visconde Viamonte da Silveira.

Doentes

Tem estado incomodado, com um ataque de gripe o nosso bom amigo Sr. Manoel da Silva Pinto dos Santos. Desejamos as snas melhoras.

Também esteve doente, mas já se encontra restabelecido, o nosso amigo sr. Manuel Pereira da Silva, proprietário em Torneiros, S. Martinho do Conde.

Também tem estado doente com a gripe o nosso bom amigo sr. José Pinto da Fonseca. Desejamos-lhe breve restabelecimento.

Encontra-se gravemente enfermo o nosso prezado amigo sr. Francisco Gonçalves Guimarães, de Covas, a quem desejamos rápido restabelecimento.

Aniversários natalícios

Dr. Henrique de Oliveira e Sá — Passou na última quinta-feira o aniversário natalício do nosso distinto amigo sr. dr. Henrique d'Oliveira e Sá, ilustre Professor do Liceu Rodrigues de Freitas, do Pôrto, e antigo Professor do Liceu desta cidade a quem, embora tarde, apresentamos os nossos cumprimentos de felicitações.

Jerónimo Sampaio — Na próxima quarta-feira, dia 17, passa o aniversário natalício deste prestante vimaranense e nosso dedicado e querido amigo que, pelas suas excelentes qualidades é geralmente estimado na sua terra. Abraçamo-lo, pois, desejando-lhe muitas felicidades.

António Nezes — Fêz ontem anos este nosso querido amigo e estimado desportista, distinto camarada nas lides jornalísticas. Um abraço de parabéns.

Fêz ontem anos a interessante menina Balbina de Sá Alpoim, filha do nosso amigo sr. Arnaldo Alpoim da Silva e Menezes. Parabéns.

Pedido de casamento

Foi pedida há dias em casamento para o nosso prezado amigo sr. José Mendes Ribeiro Júnior, activo e estimado comerciante da nossa praça, a ex.ª sr.ª D. Alexandrina Vitória Teixeira, gentil sobrinha da ex.ª sr.ª D. Júlia Teixeira de Aguiar e do nosso bom amigo sr. João Teixeira de Aguiar.

A noiva possui uma esmerada educação e excelentes qualidades e pertence a uma das mais estimadas famílias de Guimarães, sendo o noivo, igualmente dotado dos melhores predicados que o tornam muito conhecido e respeitado, pelo que são dignos das maiores felicidades.

O auspicioso enlace realiza-se brevemente.

Aos noivos desejamos desde já muitas venturas.

PÓ D'ARROZ

POMPEIA

CAIXA RECLAME 3\$00

CAMISARIA MARTINS

-- CASA DAS MEIAS -- (267)

Movimento Associativo

Associação de Socorros Mútuos Artística Vimaranesa

Hoje, ás 10 horas, havendo número legal de sócios, ou no próximo dia 21, ás 9 horas, com qualquer número, realiza-se, na séde desta colectividade a Assembleia Geral Ordinária, com a seguinte:

ORDEM DO DIA :

- 1.º — Leitura da acta da sessão anterior;
2.º — Apreciação do relatório e contas do ano findo.

As contas acham-se patentes para exame dos sócio na secretaria da Associação todos os dias úteis e e durante 15 dias, das 17 ás 10 horas.

A Direcção manda celebrar hoje, ás 11 horas, na igreja de S. Dâmaso, a Missa estatutária, para a qual convidou os associados.

VENDE - SE

Uma máquina fotográfica em estado de nova. Se alguém se interessar em comprá-la encontra-se nesta Redacção. (265)

Assinar o «Noticias de Guimarães», é dever dos vimaranenses.

desporto

Académico do Pôrto, 4. Vitória, 3. A primeira derrota dos locais em Benlhevai...

As perspectivas concebidas anteriormente de assistir a um bom desafio de foot-ball, despertaram no público curiosidade, e neste pensar, afluíram a Benlhevai numerosas pessoas sem, contudo, igualarem em quantidade outro qualquer encontro valoroso ali realizado. O vento desabrido, acompanhado por vezes de aguaceiros violentos, afastou muita gente; todavia os mais valentes apaixonados, suportaram historicamente a tarde invernos.

A chuva batida por um vento de tempestade, nos 90 minutos de jogo caiu sómente por uns escasos minutos a meio do desafio, salvando assim a assistência ao ar livre, dum encharcamento aborrecido. O forte vento, constante em todo o encontro, tirou a êste jogo pormenores de qualidade, traíndo a miude os esforços dos jogadores, pois o esférico, tomava direcções imprevisíveis e inesperadas. Ao sabor do vento a bola ganhava uma velocidade doída, contra elle, rodopiava, descrevendo curvas pronunciadas ou trajetórias obliquas, compromettendo a melhor intenção. Certos cruzamentos de jogo foram assim impedidos, anulando toda a vontade em produzir, que o jogador dispndia. Quer o Académico quer o Vitória, ambos sentiram a influencia desse elemento que nem sempre favorece. O Vitória na primeira parte jogou na sua direcção e não soube affirmá-lo correctamente e diremos já porquê, — tirar dessa vantagem a necessária conclusão, que o puzesse a salvo de percalços na parte seguinte, quando o vento soprando de frente, ajudasse o adversário nas suas investidas.

Foi o jogo seguido com interesse e apreciado no antagonismo das suas situações. O Campeão de Braga no primeiro half-time dominou abertamente, teve occasiões de goal feito, desperdiçadas ingloriamente e jogadas dignas de terem uma finalidade positiva. Na segunda parte jogou de entrada a lembrar o último Vitória Boavista, esteve a ganhar por 3 a 1 e nos últimos 30 minutos fraccionou-se, perdendo a disposição e acabou por ser derrotado por 4 a 3 bolas.

Na primeira parte, a liuha avançada teve o cuidado de desbaratar o jogo que os halves lhe forneceram com furtura, descojuntada como actno, pela fraca prestação dos interiores: Virgílio e Miranda. Clemente viu-se muitas vezes em difficuldades para endossar a bola, umas occasiões por atraso, outras por pouca mobilidade dos seus colegas da direita e da esquerda. Algumas largas aberturas aos extremos tiveram pouca efficacia porque o vento, ora lhe imprimia uma velocidade difficil de alcançar ou controlar. Daí a minguada marcação alcançada, 1 a 0, insuflante tradução do dominio disrntado. Com nus interiores mais mechidos e atenciosos ás fases do jogo, os locais teriam conseguido uma margem de goals sufficiente que os livra-sem de apuros na parte seguinte.

A segunda parte, teve os primeiros quinze minutos em que os interiores comprovaram a sua presença em campo e os tentos obtidos demonstraram a sua acção. Miranda melhor que Virgílio, fez-nos lembrar o homem da última parte do Vitória-Boavista. Passada essa quadra de tempo, o vento e o recuamento dos halves levaram o team a uma destoação incompreensível, permitindo uma liberdade de movimentos aos visitantes, ditando assim a primeira derrota da época no seu campo. Perdeu um jogo que devia ter vencido sem favor.

O Académico victorioso pela tangente, foi na segunda parte uma equipe de tino proprio, no avantajamento unido e frutuoso de todo o grupo, quando o adversário se encolheu no seu campo. Desorganizou-lhe qualquer sistema de defesa e aproveitou a desharmonização do team, para apontar os goals do triunfo nos 30 minutos finais. Se não possuísse uma equipe valorosa como team, composta de elementos de boa técnica, como Alvaro Pereira, Raúl Alexandre, Levy — os mais destacados, não lhe seria possível ganhar, mesmo beneficiada pelas circunstâncias occasionais do final do jogo, a um team com a classe do Campeão do Distrito. No decorrer do encontro essa classe foi bem distinta, pois os vimaranenses dominaram e jogaram mais na metade do tempo com o vento a favor e na segunda parte o primeiro quarto de hora foi de sua inteira pertença, do que em igualdade de tempo e de circunstâncias o grupo antagonista. Dos jogadores acadêmistas os três acima apontados sobressaíram-se, principalmente o primeiro e terceiro. Todos bem constituídos fisicamente e o grupo em geral tem mocidade e classe.

Nos jogadores vimaranenses, afora o que atrás já referimos de alguma, a linha média, a primeiro, combativa como costuma, fraquejou imenso na parte final. Zeferino merece realce pela forma como apontou os dois livres que renderam outros tantos goals: — Dois chutes de mestre. Bravo portou-se bem e fêz o que pôde mal apontado por Virgílio. Rodrigues acusa um certo abaixamento de forma de que neste jogo, como no anterior (Vitória-Boavista), deu provas bem evidentes. Lino na defesa melhor acentuadamente. João mais discreto, satisfêz. Ricoca teve algumas falhas e indecisões. A arbitragem a cargo de Francisco

Vida Musical

A Orquestra Vimaranesa e o Orfeão Luzitano

Do nosso prezado amigo sr. António Guise recebemos a carta que, gostosamente, publicamos:

Guimarães, 11 de Fevereiro de 1937.

... Sr. Antonino Dias Pinto de Castro

Guimarães.

Meu Ex.º Amigo:

Nós, os da Orquestra Vimaranesa, ao regressar-mos do Pôrto, onde fomos abrihantar os bailes de Carnaval do glorioso Orfeão Luzitano, a convite do nosso comum amigo André Martins dos Santos, um amigo dos bons, uma alma grande, um Luzitano de gema, um verdadeiro amigo dos Vimaraneses, não podemos deixar de manifestar publicamente o nosso grande contentamento para com os rapazes do Luzitano, pela maneira distinta como nos receberam.

A Ex.ºª Direcção daquela casa, foi de uma requintada gentileza para connosco que a todos nos deixou confundidos! E' que nós, Sr. Director, não representava-mos, sómente, a nossa Orquestra; nós fomos também como representantes do Orfeão de Guimarães, em nome de quem apresentei cumprimentos.

O André quiz ter a gentileza de nos levar à sua casa como elle diz e diz bem, pois foi-me dado o prazer de constatar que adentro da sua séde são todos uma verdadeira familia, e lá fomos. Agradamos à numerosa assistência, honramos o nome da Orquestra, o de Alfredo Caldeira e da cidade de Guimarães.

Rogo, pois, a V. ... o favor de num cautinho do seu «Noticias», dar publicidade a esta carta, o que é muito amigo e obrigado.

(a) António Guise.

Do nosso prezado colega «Jornal de Notícias», e da noticia referente à festa do Orfeão Luzitano, recordamos o seguinte:

«Assistimos, encantados, ao baile de terça-feira.

Chegamos tarde, cêrca das três horas da manhã, mas a animação era a mesma das horas iniciais.

A magnifica orquestra de Guimarães, uma grata surpresa para o Pôrto, não descansava um momento.

Excelente musica de baile — tocada com alma e com vibração.»

Câmara Municipal

Sessão de 12 de Fevereiro

A C. A. aprovou a seguinte proposta apresentada pelo seu vice presidente, sr. Capitão José Maria de Magalhães e Couto:

«São conhecidos de todos os grandes transtornos — para já não falar nos perigos — que causam ao trânsito de veiculos as duas passagens de nível que existem nos lugares de Covas e Castanheiro, na estrada que vai desta cidade ao Porto por Negrelos e Santo Tirso. Chegam os veiculos a estar retidos em frente das cancelas do caminho de ferro, ás vezes mais de meia hora.

Aproveitando-se a feliz oportunidade da grande reparação que vai ser feita à referida estrada pela Junta Autónoma das Estradas, proponho: Que esta Câmara represente e peça ao sr. Ministro do Comércio e Comunicações e à Junta Autónoma que, antes da grande reparação atingir os pontos indicados, seja estudada a possibilidade de fazer desaparecer as alludidas passagens de nível, dando dessa forma ao trânsito enormes facilidades e segurança; que se officie ao sr. Dr. João Antunes Guimarães, ilustre Vimaranesa e Deputado, para que se digne patrocinar junto do sr. Ministro do Comércio e Comunicações e da Junta Autónoma das Estradas a tão justa pretensão da Câmara de Guimarães.

A C. A. aprovou ainda vários projectos de obras e tomou conhecimento de diversos expedientes.

Ramos da Silva, do C. A. Portuense, foi inteiramente má. Não agradou a nenhum dos grupos em jogo nem satisfêz a assistência. Ajunçou como um principiante algumas infracções castigando, geralmente, a vitima em vez do autor. Teve a fobia das mãos. Nalgum gesto inofensivo via logo manipulações criminosas... suspendendo a miude jogadas em prejuizo dos teans. Enfim, fêz um mau serviço.

Almeida Ferreira.

